

História ambiental e ensino de história: uma experiência de Nowtopia

Environmental History and history teaching: an Nowtopia experience

Historia ambiental y enseñanza de Historia: una experiencia de Nowtopía

Elenita Malta Pereira - Universidade Federal de Santa Catarina | Departamento de História | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: elenitamalta@gmail.com 

Resumo: O artigo trata da experiência de ensino realizada na disciplina “Tópicos Especiais I”, na graduação em História - Licenciatura da Universidade do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO, em 2015, no campus de Coronel Vivida, oeste do Paraná. Houve uma interessante interação entre Ensino de História e História Ambiental, em que foram trabalhados conteúdos significativos para os alunos, a partir do contexto da região em que estavam inseridos. A disciplina foi orientada pela problemática de abordar a história ambiental de forma a superar a narrativa dominante de destruição da natureza pelo ser humano. Nessa perspectiva, o conceito de Nowtopia possibilitou o aprendizado de relações humanos-natureza que rompem com a lógica consumista e individualista do mercado, e constroem relações de respeito e proteção ao ambiente, no sentido de ir além da concepção preponderante de disjunção entre sociedade e natureza, visando contribuir na formação dos acadêmicos como futuros professores de história.

Palavras-chave: Ensino de história. História ambiental. Ensino superior. Formação de professores. Nowtopia.

Abstract: The article deals with the teaching experience held in the course "Special Topics I", in the graduation of History - Licenciatura of Universidade do Centro Oeste do Paraná - UNICENTRO, in 2015, at the campus of Coronel Vivida, western Paraná. There was an interesting interaction between Teaching History and Environmental History, in which concepts and contents were developed for the students, from the context of the region in which they were inserted. The discipline was guided by the problematic of approaching environmental history in order to overcome the dominant narrative of the destruction of nature by the human being. In this perspective, the concept of Nowtopia made possible the learning of human-nature relations that break with the consumerist and individualistic logic of the market, and construct relationships of respect and protection to the environment, in order to go beyond the dominant conception of disjunction between society and nature, aiming to contribute to the training of academics as future teachers of history.

Keywords: Teaching history. Environmental history. Higher education. Teacher training. Nowtopia.

Resumen: El artículo trata de la experiencia de enseñanza realizada en la asignatura “Tópicos Especiales I”, en el grado en Historia – Licenciatura de la Universidad de Centro-Oeste de Paraná – UNICENTRO, en 2015, en el campus de Coronel Vivida, oeste de Paraná. Ha habido una interesante interacción entre Enseñanza de Historia e Historia Ambiental, en que se han trabajado contenidos significativos para los alumnos, a partir del contexto de la región en que estaban inseridos. La asignatura fue orientada por la problemática de abordar la historia ambiental con vistas a superar la narrativa dominante de destrucción de la naturaleza por el ser humano. En esa perspectiva, el concepto de Nowtopía ha posibilitado el aprendizaje de relaciones humanos-naturaleza que rompen con la lógica consumista e individualista del mercado, y construyen relaciones de respeto y protección al ambiente, en el sentido de ir más allá de la concepción preponderante de disyunción entre sociedad y naturaleza, a fin de contribuir en la formación de los académicos como futuros profesores de historia.

Palabras clave: Enseñanza de Historia. Historia ambiental. Enseñanza superior. Formación de profesores. Nowtopía.

• Recebido em 16 janeiro de 2019 • Aprovado em 7 de fevereiro 2019 • e-ISSN: 2177-5796

DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2019v21n1p137-156>

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internaonal da CreativeCommons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devido créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

O desafio de sexta – Introdução

21:20h de uma sexta-feira, março de 2015, em Coronel Vivida, oeste do Paraná. Uma turma de 2º ano do curso de História e uma professora novata começam a trabalhar juntos na disciplina “Tópicos Especiais I”, no curso de História da UNICENTRO. O nome desse tipo de disciplina é bastante vago, o tema dos tópicos, na verdade, é definido pelo professor. Eu não poderia perder a oportunidade de trabalhar com minha área de pesquisa, a história ambiental. Seria um duplo desafio: manter a atenção dos alunos no pior horário da semana (os dois últimos períodos de sexta-feira) e provocar seu interesse pela temática, ao longo do ano de 2015¹.

Para ministrar a disciplina de Tópicos Especiais I e as demais que fazem parte do currículo do curso de História, os professores se deslocavam por 160 km do campus da UNICENTRO em Guarapuava até um dos campus avançados da universidade, localizado em Coronel Vivida. A viagem em si já proporcionava, além de interações muito significativas entre as/os docentes, uma análise da paisagem da região, dominada por enormes monocultivos, entremeada pela reserva indígena de Mangueirinha, onde ainda resta um trecho de Mata Atlântica.

A região centro-oeste do Paraná concentra boa parte da produção agropecuária do estado. Em seus cultivos, muitos produtores utilizam sementes transgênicas, fertilizantes, agrotóxicos, assim como insumos na pecuária. Esse fato representou um desafio a mais, pois, no decorrer das aulas, surgiram situações de alunos que vivenciavam essas experiências como trabalhadores ou produtores rurais, e como amigos ou parentes de pessoas que estavam nessa condição.

Também é interessante mencionar que ministrávamos as aulas em uma escola cedida pelo Estado, o Colégio Estadual Arnaldo Busato. Ao lado, fica o prédio administrativo da universidade, mas o “ambiente” de nossas disciplinas era compartilhado com alunos de Ensino Médio e EJA. É preciso dizer também que a extensão da universidade ali cumpria um papel social importantíssimo para a cidade. Nossa presença era muito valorizada pelos alunos e isso proporcionava relações de mútuo respeito e dedicação. Os estudantes se sentiam muito orgulhosos de estar cursando uma universidade “pública, gratuita e de qualidade”.

¹ Na UNICENTRO, as disciplinas eram anuais, até a finalização deste texto (2018).

Ali tive experiências significativas para minha caminhada como docente, uma delas foi a disciplina Tópicos Especiais I. Neste artigo, procurarei trazer um pouco da memória dessa experiência, os conteúdos, exercícios e métodos empregados.

Começamos debatendo textos já considerados clássicos para que os alunos compreendessem quais são os objetos de pesquisa da história ambiental, as características e especificidades dessa área de estudo. Nosso ponto de partida foi a realidade ambiental de Coronel Vivida e da região centro-oeste do Paraná, com destaque para as mudanças na paisagem, em decorrência da agropecuária. As discussões foram aprofundadas, adentrando as causas da crise ambiental planetária, em seus aspectos econômicos e culturais.

A minha preocupação, ao longo da disciplina, e que coloco como problemática deste artigo, pode ser expressa da seguinte forma: como abordar a história ambiental no ensino de história, de forma que ela não seja apenas uma narrativa da destruição da natureza pelo ser humano. Nesse sentido, o conceito de Nowtopia foi trabalhado, mais perto do fechamento da disciplina, como uma espécie de alento, no sentido de mostrar que a relação humana com a natureza não é apenas a que leva à devastação e aos desastres.

Nowtopia, no sentido que emprega o historiador Chris Carlsson (2014) – a palavra em si, na tradução, significa “utopia do agora” – diz respeito a um conjunto de atividades, ideias, modelos alternativos de ação humana fora do capitalismo. Alguns exemplos são a troca do meio de locomoção do carro pela bicicleta, a difusão de software livre, o uso de biocombustíveis, a permacultura, a reciclagem, o plantio de hortas urbanas, entre outros. São iniciativas que se situam na contramão do mercado (cujo objetivo maior é o crescimento econômico ilimitado), pois são anticonsumistas, levam à autonomia individual e coletiva, e ao desenvolvimento de soluções ambiental e socialmente corretas. E é nesse sentido que (re) penso a própria disciplina, como um pequeno experimento de Nowtopia, ela mesma um pequeníssimo esforço experimental, que remou contra a maré capitalista e buscou construir um conhecimento mais amplo sobre o que é e o que pode a história ambiental no ensino de história.

História ambiental e Ensino de História

Desde os anos 1970, as questões ambientais passaram a ser alvo de discussão nas Ciências Sociais. A História foi “a mais retardatária” no processo de “ambientalização das ciências”

(LEFF, 2005, p. 385). Para Carvalho e Sousa Costa (2016, p. 52), isso ocorre por conta de uma “separação que coloca a História como disciplina que aborda o social, mas que se distancia do ensino sobre o meio ambiente” – concepção essa que é um contrassenso.

Dada a urgência e importância do tema, o ensino de história não poderia abster-se de abordá-lo. Como bem colocou Circe Bittencourt (2011, p. 42), “a manipulação da natureza pelo homem possui uma longa história, com variações em intensidade e brutalidade”, que precisa estar presente nas aulas de história. Mais do que isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) preveem o tratamento da temática de forma transversal na Educação Básica, portanto, há necessidade de abordá-la na formação de futuros professores de história.

Paulo Martinez (2006, p. 90) acredita que “nas práticas pedagógicas, as questões ambientais constituem uma grande oportunidade analítica dos processos sociais no Brasil”. Várias dimensões da história do Brasil e do mundo podem ser abordadas pelo viés ambiental. A própria “organização da sociedade define as formas de acesso e a relação dos indivíduos, grupos e classes sociais com produtos naturais fundamentais, como a água, a terra, a madeira, o petróleo e a diversidade biológica, por exemplo” (MARTINEZ, 2006, p. 91). Também é possível estudar “a história das técnicas e estratégias de domínio do meio físico e natural, de ocupação dos espaços e de exploração da natureza para consumo, produção e trocas econômicas que podem iluminar as formas de organização e relações sociais, das atividades econômicas, da criação cultural e da conduta do Estado” (MARTINEZ, 2006, p. 90-91).

Outras possibilidades de ensino são levantadas por Marcos Gerhardt e Eunice Nodari, como “o estudo da toponímia regional, isto é, o levantamento e a análise dos nomes de lugares, cidades, rios, morros e vales. Muitos deles estão ligados às características do ambiente ou às ações humanas sobre a natureza” (GERHARDT; NODARI, 2010, p. 59). Os autores também sugerem o estudo das paisagens, a análise de relatos de viajantes, e a realização de projetos de história local com os estudantes.

Na prática docente, no entanto, iniciativas de ensino de história que incluam a dimensão ambiental ainda encontram resistência de muitos professores e estão longe de ser consenso. Para Carvalho e Sousa Costa (2016), isso se deve à disjunção moderna entre sociedade e natureza (SCHAMA, 1996; WORSTER, 2011; LENOBLE, 2002). Nesse sentido, argumentam que “entender a historicidade material e simbólica dos fenômenos é fundamental para uma

compreensão que vá além da disjunção que conforma nossa forma hegemônica de ver o mundo” (CARVALHO; SOUSA COSTA, 2016, p. 58).

Transformar esse quadro não é algo fácil: “a tarefa de superar tal disjunção não cabe apenas a academia, mas passa por todo um sistema de ensino” (CARVALHO; SOUSA COSTA, 2016, p. 62). No entanto, iniciativas como as da disciplina que é objeto deste artigo podem contribuir - ainda que muito modesta, tímida e lentamente - no processo que tornará a mudança viável.

Quanto às metodologias de ensino desenvolvidas na disciplina, buscamos usar as mais variadas possíveis, a maior parte das aulas se deu de forma expositivo-dialogada, mas também houve assistência e debates de filmes e vídeos, análise de imagens, escrita e apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos discentes, escrita de resenhas e comentários, além de atividades realizadas via Moodle (internet)².

Os audiovisuais foram utilizados como descrito por Napolitano (2013, p. 34-35), nas propostas de “sensibilização”, para introduzir assunto (no caso, as aulas sobre o “imperialismo ecológico”), e de “conteúdo de ensino”, com informações sobre tema específico, de forma a orientar sua interpretação (em nosso caso, os temas da agricultura e da pecuária). Foram trabalhadas com os acadêmicos as questões básicas sobre produção e linguagem de documentários e filmes em geral, que são sempre fruto das escolhas da equipe técnica, especialmente da direção, com base em determinados interesses envolvidos.

Da mesma forma, o trabalho com imagens, ao longo da disciplina, teve como objetivo possibilitar discussões sobre as condições de sua produção, ou seja, o contexto social, temporal e espacial em que foram produzidas. Dessa forma, buscou-se orientar os alunos a perceber os significados da iconografia, tanto para a época e sociedade em que foi produzida como para outras sociedades, em outros períodos e contextos históricos (LITZ, 2009).

A história ambiental no contexto de Coronel Vivida

Nas primeiras aulas, o objetivo foi introduzir o que significa história ambiental. Para isso, a leitura de alguns textos já clássicos foi importante, como os artigos de Donald Worster (2003),

² Farei citações de trechos de atividades e textos de alunas e alunos, que, por razões de cunho ético, identificarei por letras maiúsculas (por exemplo: Aluna A, Aluno B, etc.).

Paulo Henrique Martinez (2005; 2011) e José Augusto Drumond (2002). A partir dessas obras, abordamos a interação seres humanos-natureza ao longo da história, as características e as possibilidades de pesquisa na área, que emergiu nos anos 1970 nos Estados Unidos e Europa, os arquivos e fontes disponíveis, as temáticas que podem ser abordadas sob a perspectiva da história ambiental.

Em suma, partiu-se da definição de que “a história ambiental lida com o papel e o lugar da natureza na vida humana” (WORSTER, 2003, p. 25). Trabalhar com a perspectiva agroecológica na história defendida por Worster foi importante porque, como vimos, no contexto da região dos alunos, a atividade econômica principal é a agropecuária. A disciplina proporcionou, então, que eles refletissem sobre as consequências ambientais dessa atividade.

Uma estratégia adotada em várias aulas foi o uso de materiais audiovisuais, em especial as imagens, em exercícios de observação da mudança de paisagens, com o passar do tempo, e também de percepção das diferentes camadas de uma paisagem. Houve também discussão baseada em filmes (documentários), que os alunos assistiam em casa, pois o tempo das aulas era muito curto para isso. A seguir retomarei esse ponto, destacando os filmes assistidos.

Sempre que possível, trabalhamos com imagens de Coronel Vivida e regiões próximas. Nas Figuras abaixo (1 e 2), podemos notar duas paisagens agrícolas. Na primeira, vemos uma cena da colheita de milho mecanizada, no interior do município, distrito de Alto Pinhal, em 2010. No primeiro plano, vemos a sombra de árvores; no segundo, a colheitadeira e o milharal; no fundo, o terceiro plano mostra uma área de matas, sob um céu anuviado. Ainda há presença de árvores, no entanto, na Figura 2, é mostrada uma grande área cuja plantação já foi colhida e pode estar em preparo para novo plantio. Essa foto foi tirada por mim, no caminho entre Guarapuava e Coronel Vivida, para registrar o que sempre me surpreendia nesse trajeto: as grandes extensões de plantios de soja ou milho, em que não se via nenhuma árvore.

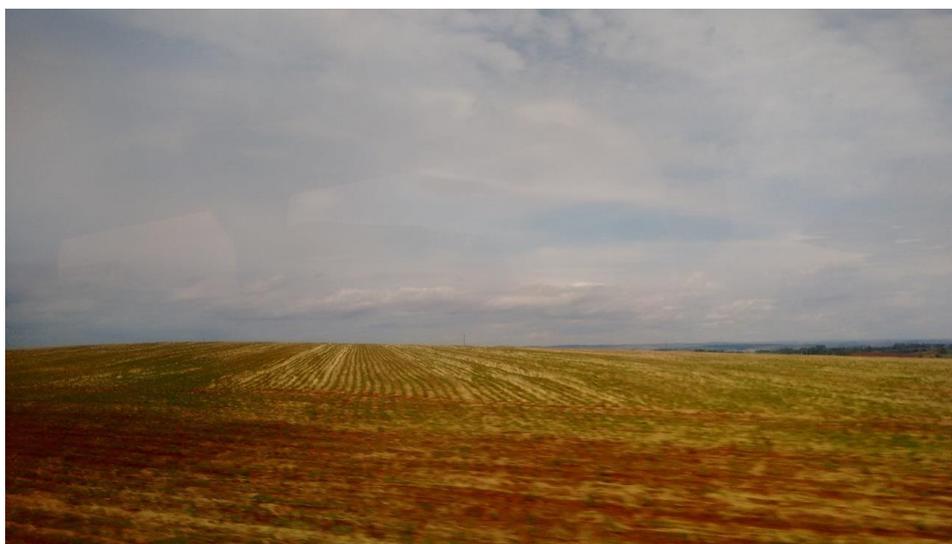
No entanto, sabemos que a região fora coberta por Mata Atlântica, décadas atrás, e seu desmatamento, também abordado na disciplina, deu lugar aos grandes monocultivos recorrentes na região. Ainda há remanescentes da mata, em especial na Reserva Indígena de Mangueirinha-PR.

Figura 1 - Colheita do milho safra 2010, em Alto Pinhal, interior do município de Coronel Vivida



Fonte: WIKIMEDIA COMMONS. **Colheita do milho safra 2010, em Alto Pinhal, interior do município de Coronel Vivida.** Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Colheita_do_milho_safra_2010,_em_Alto_Pinhal,_interior_do_munic%C3%ADpio.jpg. Acesso em: 1 set. 2018.

Figura 2 - Foto da região de Coronel Vivida



Fonte: Autora, 2015.

Nas primeiras aulas, foi necessário esclarecer alguns conceitos básicos, como ecossistema, bioma, o significado de ambiente, paisagem, território. Também foi importante o trabalho com mapas, especialmente para evidenciar a distribuição dos biomas brasileiros. A seguir, apresento as principais temáticas abordadas.

Imperialismo ecológico: ventos, ervas, animais, germes

Após as aulas iniciais, a primeira sequência de leituras realizada foi da obra *Imperialismo ecológico* (CROSBY, 2011). Em grupos, os alunos leram os capítulos 5 a 9, que tratam das transformações ocorridas no continente americano com a conquista europeia: ventos, ervas, animais e germes. Cada grupo leu um capítulo, apresentou as principais questões propostas por Crosby ao restante da turma e também desenvolveu trabalho escrito sobre o tema.

Sobre a questão do domínio dos ventos, essencial para a conquista europeia das Américas, assistimos em sala uma versão editada do filme “1492: a conquista do paraíso” (SCOTT, 2019), disponível no Youtube. Os alunos ficaram impressionados com essa outra faceta da conquista, pois nunca haviam sido provocados a levar em conta os fatores ambientais envolvidos nesse processo histórico. Jamais haviam sido levados a pensar na necessidade de Colombo dominar o sentido dos ventos, nem que os europeus trouxeram consigo toda uma gama de plantas, animais e germes para a América. Como professora, considero fascinante esse “abrir os olhos” que a história ambiental proporciona no ensino de história.

Por outro lado, é preciso fazer a ressalva de que a perspectiva de Crosby é bastante eurocêntrica, ao enfatizar muito mais a criação do que chama de “neoeuropas” na América do que as contribuições levadas de nosso continente para o europeu. A perspectiva da história global torna possível perceber o eurocentrismo de Crosby (CONRAD, 2017).

Florestas: pinheiro do Paraná; filme sobre a Lumber; colonização e devastação

O segundo grande tema trabalhado foi a floresta de araucárias, parte da Mata Atlântica, que é o bioma característico do estado do Paraná. Consequência do desmatamento para a indústria madeireira ao longo do século XX e, mais recentemente, para dar lugar ao agronegócio, estima-se que restem apenas cerca de 12 % da mata original (ALMEIDA, 2017).

No entanto, apesar dos altos índices de desmatamento, a araucária é considerada “a árvore símbolo do Paraná”. Trabalhamos o tema a partir do artigo de Alessandra Carvalho (2013), propondo atividade em que os alunos deveriam responder à pergunta-título do texto: Pinheiro-do-Paraná: símbolo de identificação cultural ou emblema de uma história de desflorestamento? Pedi que citassem exemplos de sua região para reforçar seus argumentos.

Dois alunos enfatizaram que os proprietários de áreas com araucárias não têm interesse em permitir a reprodução da floresta, já arrancando as mudas ou provocando seu envelhecimento, de forma criminosa. Muitos só mantêm algumas árvores para comercializar o pinhão, item apreciado na culinária do sul do país:

Hoje para se ver um pinheiro é muito difícil, pode até se ver um ou outro perdido por aí, mas se você notar bem ele já está no caminho de seu declínio, pois os homens já estão tentando derrubá-lo, colocando veneno ou cortando muito seu galhos. Pelo que sei, a derrubada dessa árvore em seu pleno vigor dá cadeia ou uma multa muito cara, mas se a árvore estiver seca pode ser derrubada. (ALUNA A)

A identidade não existe! Na verdade existem vários "paraná"; um na capital e cercanias; um no norte, paulista e mineiro; um no sul, gaúcho. A questão deve ser a visão que o paranaense tem de si mesmo e sua relação com o ambiente. [...]. O mesmo proprietário que mostra orgulhoso sua reserva legal e se regala com pinhão, arranca a muda de araucária. (ALUNO B)

Dois alunas que moravam em Pato Branco-PR lembraram, com indignação, de uma araucária considerada símbolo de sua cidade, que, após vários episódios de cortes e mutilações, precisou ser cercada com arame pela prefeitura municipal:

Tenho como exemplo a araucária de Pato Branco, ela virou um símbolo para a cidade, mas já tentaram matar e hoje ela tem uma grade de proteção em torno de seu tronco, para evitar que ela morra pela burrice dos homens. (ALUNA A)

Tomo como exemplo a araucária situada na extensão da rua Tocantins, no município de Pato Branco (PR), como elemento de representação regional da história do Paraná. Que por tamanha ignorância foi machucada e violada, tendo de ser cercada. Esse tipo de situação faz pensar, se realmente as pessoas atingiram a tal civilização, creio que de certo modo não. Apesar de muitos fazerem esta reflexão, de preservação e cuidado, poucos, no entanto, contribuem hoje, na prática, para a preservação do meio ambiente em que vivem. (ALUNA C)

Outra estudante conversou com a avó idosa e agregou seu depoimento na resposta:

Como conta minha avó Maria (82 anos), em 1950, quando surge em São João (PR) as primeiras serrarias e se dá início a extração da madeira na região, é que o pinheiro passa a se tornar o elemento mais extraído da natureza nessa época, e foi o que mais trouxe lucratividade ao comércio da cidade, juntamente com a erva-mate. Ela conta que o pinheiro não era visto como um símbolo cultural e sim comercial. (ALUNA D)

É interessante perceber que o tema mobilizou a aluna a buscar o contato intergeracional, no depoimento de sua avó, para compreender como se deu o processo de desmatamento da araucária. No geral, todos apontaram para o caráter utilitário que esse elemento natural foi assumindo ao longo do século XX para os moradores do Paraná. E é interessante observar que sua devastação se deu paralela aos movimentos que o alçaram a monumento identitário, movimento Paranista na década de 1920-30 e a narrativa acadêmica já a partir dos anos 1960, como expõe Carvalho (2013).

Dentro dessa temática, assistimos em sala trechos do filme produzido em 1922 pelo jornalista e cinegrafista Alberto Botelho (SOUTHERN, 1922), que mostra vários aspectos da exploração econômica da Companhia Lumber (nome completo, em inglês: Southern Brazil Lumber and Colonization Company), uma empresa madeireira e colonizadora que atuou de 1910 até a década de 1950 no atual planalto norte catarinense e campos gerais do Paraná. Na cidade de Três Barras (SC), a Lumber construiu em 1911 uma serraria com avançada tecnologia para a época e que foi por muitos anos a maior serraria da América do Sul e do país. O filme é um importante documento histórico, pois mostra imagens da serraria de Três Barras e a exploração das florestas no seu entorno.

Agropecuária: revolução verde; agrotóxicos; transgênicos

Na terceira sequência de aulas, os temas abordados foram a agricultura e pecuária, como vimos, as atividades econômicas mais importantes da região oeste do Paraná. Começamos definindo conceitualmente o que significa a expressão “revolução verde”, a partir do artigo de Picado (2011). De acordo com esse autor, “revolução” era o termo idôneo para determinar a radicalidade da mudança, nos anos 1960, assim como para ressaltar a superioridade da nova tecnologia para produção de alimentos, em comparação com os recursos técnicos existentes até então. A cor “verde”, aparentemente trivial e óbvia, “sublinhava o conteúdo agrário do processo e o diferenciava dos conteúdos políticos e sociais dos movimentos vinculados à expansão do comunismo no Sudeste asiático - uma potencial Revolução vermelha” (PICADO, 2011, p. 25).

Em torno do conceito de revolução verde, constituiu-se um pacote tecnológico, oferecido aos agricultores como a forma de produzir mais e melhor, de forma “moderna”: cultivo intensivo

do solo, monocultivos, irrigação, aplicação de fertilizantes inorgânicos, controle químico de pragas (uso de agrotóxicos) e o citado melhoramento genético das sementes.

Para introduzir a questão dos agrotóxicos, a turma leu o capítulo “Elixires da morte”, do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, publicado originalmente em 1962. Trata-se do primeiro alerta mundial aos agrotóxicos, em especial do inseticida DDT, até então saudado como responsável pela cura da malária. Carson chama os inseticidas sintéticos de “elixires da morte”, pois, segundo ela, “eles possuem poder imenso não somente de envenenar, mas também de penetrar nos processos mais íntimos e vitais do organismo, modificando-os em sentido sinistro e, com frequência, em sentido mortal” (CARSON, 1964, p. 26).

A bióloga norte-americana estava profundamente preocupada com as consequências dos pesticidas nos organismos vivos, julgava importante que os conhecessemos melhor, “uma vez que vamos viver tão intimamente ligados a tais substâncias químicas – comendo-as e bebendo-as – deixando que elas entrem na própria medula dos nossos ossos” (CARSON, 1964, p. 27). E foi com esse intuito que concebeu o livro, para dar a conhecer à população não especializada as consequências do uso dessas novidades tecnológicas, alardeadas como capazes de acabar com as “pragas” agrícolas.

Juntamente com a discussão do texto, propus a análise de algumas imagens dos anos 1950-60 que mostram as aplicações do DDT diretamente nos corpos humanos, nas ruas, nos rios e lagos, etc., em diferentes países, bem como rótulos e propagandas do produto na mesma época. Com o intuito de proteger contra a malária, eram oferecidos desde sprays para borrifar o inseticida pelo jardim ou dentro de casa, até papel de parede com DDT para o quarto das crianças, como podemos ver abaixo nas figuras 3 e 4:

Figuras 3 e 4 - Cartazes de propaganda de produtos contendo DDT, veiculados nos Estados Unidos



Nota: A Figura 3 oferece papel de parede com DDT e Figura 4 uma bandeira preta com DDT. As duas imagens ressaltam a capacidade do DDT para matar mosquitos, mostrando imagens de crianças que seriam beneficiadas com o produto.

Fonte: Ambas as imagens estão disponíveis no aplicativo Pinterest.

Essa temática foi aprofundada com a assistência de dois filmes: “O veneno está na mesa”, dirigido por Sílvio Tendler (2011) e “O mundo segundo a Monsanto” dirigido e produzido por Marie-Monique Robin (2008). Os alunos assistiram em casa e discutimos em sala, ressaltando os aspectos já debatidos, em relação aos textos de Picado e Carson. Foi solicitado aos alunos que escrevessem resenhas críticas dos dois filmes, destacando o ponto de vista dos diretores e suas opiniões pessoais, e se recomendariam que outras pessoas os assistissem e porquê.

Abaixo, alguns excertos das resenhas de “O veneno está na mesa”:

O tema abordado no filme mostra-nos o que já vínhamos aprendendo, como nos alimentamos mal, e que o perigo dos agrotóxicos está tanto para o consumidor final quanto ao trabalhador que manipula esses produtos nas sementes. Podemos notar que a contaminação por pesticidas é um marco para a história ambiental, como é tratado no livro Primavera Silenciosa. (...). Eu recomendaria o filme pois achei muito interessante e proveitoso, pois o diretor não fala nada longe da nossa realidade, que vivemos consumindo veneno puro, desde que nascemos já estamos contaminados e fadados a ficar doentes. Mas tudo isso poderia ser mudado se ao invés de consumirmos agrotóxicos, tivéssemos uma alimentação mais saudável, livre de venenos. (ALUNA A)

Conscientização seria um ótimo primeiro passo para os brasileiros. Produzir é uma necessidade mundial, mais estamos produzindo com qualidade? Ou ninguém nunca parou pra pensar que a cada dia surgem novas doenças? Porque os casos de câncer aumentam e não se tem, ou não se demonstra ter, uma origem para eles? Nossos organismos não caminhariam para a autodestruição voluntariamente... Miomas, cistos e tumores nascem sem explicação aparente, sério? Não seria isso consequência de uso indevido de substâncias que prejudicam o funcionamento de nosso organismo? Recordemos que o princípio ativo do DDT foi usado como arma química na guerra e surgiu como inseticida somente no pós-guerra. E devemos pesar o fato de o Brasil ser um dos maiores possuidores de água doce do mundo e que não tem um lençol freático confiável nos dias de hoje. Soluções existem, inseticidas naturais, culturas rotativas, afinal as lagartas comem soja por não ter outra planta para se alimentar[...]. (ALUNO E)

No Brasil, a situação é ainda mais desesperadora, como o Brasil por vezes ainda ocupa o cargo de colônia no cenário econômico mundial, reafirma sua condição com medidas que visam apenas lucro, esquecendo-se dos males relacionados ao uso de agrotóxicos. O setor político, aliado das grandes empresas vendedoras de veneno, cria concessões absurdas ao comércio e distribuição das substâncias e chegam a pressionar os órgãos de controle de agrotóxicos como a ANVISA com argumentos de que os agrotóxicos configuram um mal necessário para suprir a demanda de alimentos do Brasil. O produtor rural se vê acuado, pois as alternativas para a produção agrícola são cada vez mais restritas, para forçar a dependência as empresas vendem o pacote fechado que inclui as sementes modificadas e os agrotóxicos, com relação de extrema dependência entre si, a única saída plausível se dá pelo plantio de orgânicos com sementes chamadas crioulas, que são cada vez mais difíceis de se encontrar. (ALUNO F)

É interessante perceber nas reflexões dos alunos a ligação com os textos lidos e o uso dos conceitos trabalhados na disciplina, bem como os questionamentos e relações dos agrotóxicos com o aumento das doenças, a poluição das águas, e a dimensão político-econômica maior que envolve a temática. O último excerto tocou nas relações de dependência subjacentes, tanto na posição do país na organização capitalista global, como no plano micro, do produtor rural frente às gigantescas corporações agroquímicas. Essas conexões mostram que a dinâmica das atividades favoreceu a compreensão da historicidade do processo que levou a uma alimentação envenenada atualmente.

Já o filme “O mundo segundo a Monsanto” foi alvo da atividade em casa e, na aula posterior, de debates acalorados em sala. Na atividade, os alunos focaram nos métodos controversos da Monsanto para garantir seus interesses econômicos, que a levaram a ser uma das mais odiadas empresas do mundo. O filme foi originado do livro de mesmo título, fruto da pesquisa de três anos da jornalista francesa Marie- Monique Robin sobre a empresa.

O documentário mostra de forma clara como o viés econômico consegue ditar de quaisquer formas necessárias o rumo que toma a humanidade. A Monsanto controla a produção de alimento em escala mundial, seus produtos são comprovadamente prejudiciais à saúde humana e continuam sendo comercializados de forma legal e inclusive incentivados. A população é induzida a comprar a ideia de isenção de riscos, mas o grande problema reside que a empresa simplesmente consegue controle quase que total da distribuição de informações que definem os agrotóxicos, o que leva a ignorar pesquisas que a contradigam, subornar laboratórios e criar pesquisas tendenciosas para legitimar seus produtos. (ALUNO I)

Podemos observar no documentário que as grandes multinacionais, no caso a Monsanto, insistem na ideia de que os agrotóxicos utilizados nas plantações não oferecem riscos à saúde, mas sabemos que nos testes realizados os ratinhos não ultrapassam os seis meses... No entanto os males causados pelo uso excessivo de agrotóxicos aparecem em longo prazo. (ALUNA F)

O único país que Monsanto não conseguiu subornar foi o Canadá, graças a três pesquisadores, uma rara exceção. Sabemos que os custos dessas pesquisas são muito altos e essas empresas começam a forçar as autoridades com seu poder financeiro a legalizar esse tipo de sementes ou de hormônios que causam muitos tipos de câncer em longo prazo. Infelizmente, ainda muitas pessoas não estão conscientizadas do mal que esses produtos trazem e continuam plantando e consumindo. As informações sobre esses produtos modificados ainda muitas vezes são manipulados pelo próprio fabricante. (ALUNO G)

Um dos alunos, no debate em sala, revelou que sua família possuía uma pequena propriedade rural e trabalhava com pecuária bovina. Disse que aplicavam um produto semelhante aos vendidos pela Monsanto (hormônio) nos animais que seriam comercializados, para aumentar a produção de leite, mas que a família tinha uma reserva de vaquinhas saudáveis para consumo próprio de laticínios e carne. Alunos afirmaram que familiares e conhecidos já haviam aplicado agrotóxicos e que, muitas vezes, não havia alternativa de produzir sem esses produtos; outros discordaram e disseram conhecer iniciativas agroecológicas, como veremos a seguir.

Capitalismo versus Nowtopia

Na sequência final de aulas, abordamos a problemática conciliação entre capitalismo e desenvolvimento e quais seriam as alternativas possíveis. Sobre o sistema, a leitura de *Capitalismo parasitário*, de Zigmunt Bauman (2010), foi importante. Alunos assistiram também, em casa, ao filme “A corporação” (2004).

O objetivo foi provocar o questionamento maior sobre o funcionamento do sistema econômico em que vivemos e suas consequências para o meio ambiente. De acordo com Bauman, o capitalismo atua como um parasita, sugando a energia de algum organismo, no entanto, “não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência” (BAUMAN, 2010, p. 9). A busca infinita por “terras virgens” para exaurir é o próprio motor do sistema. Nesse sentido, a natureza é percebida apenas como recurso a ser explorado para gerar lucros.

No documentário “A corporação”, entrevistas de diretores de algumas dessas gigantescas empresas (Shell, IBM, Nike) são confrontadas com depoimentos de seus críticos, por exemplo, Noam Chomsky e Michael Moore. O documentário procura demonstrar que o funcionamento

dessas empresas não está embasado em nenhum princípio moral. Utilizando a psicologia, o filme mostra que as corporações desprezam seres humanos e animais, bem como não levam a sério questões como responsabilidade política, ambiental e social. Essas características, caso estivessem reunidas em um único ser-humano (pessoa física), levariam a que este fosse classificado como um psicopata: um ser que submete o outro a seu dispor e dispensa qualquer tipo de princípio. No debate sobre o documentário, os alunos relacionaram com o funcionamento da Monsanto, temática abordada anteriormente, como vimos, e de outras grandes empresas que atuam no Brasil.

Após discutirmos a percepção crítica sobre o sistema, o próximo assunto abarcou as formas de sua superação. Para isso, a leitura de trechos de *Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje*, de Chris Carlsson (2014), foi muito importante. O livro mostra várias iniciativas que vem acontecendo nos Estados Unidos, ao longo do século XX, do que chama de “utopia do agora”, ou seja, redes de relacionamentos e atividades que rejeitam o dinheiro como medida, “baseadas em valores compartilhados, formas alternativas de moradia e de relações não econômicas” (CARLSSON, 2014, p. 15). São elas: a permacultura, as hortas urbanas, o cicloativismo, o software livre, a reciclagem, as várias formas de “faça você mesmo”, entre outras.

Para o autor, essas formas de consumo podem ser vistas como uma “antieconomia”, em construção por pessoas que trabalham de forma coletiva e inventam livremente. Elas não estariam esperando que ocorra um colapso do sistema, que ele termine para depois inventar algo novo, mas sim estão construindo um “novo mundo na casca do velho” (CARLSSON, 2014, p. 16). Essa perspectiva foi discutida pelos alunos em sala, como algo bastante inovador, e começaram a encontrar exemplos de atividades nowtópicas semelhantes também no Brasil.

Mais do que isso, num trabalho sobre o tema, uma estudante trouxe para a turma a experiência de uma horta comunitária em sua cidade natal, Pato Branco-PR, conduzida por amigos. Foi muito interessante poder refletir o conceito de Nowtopia a partir de um exemplo concreto e próximo aos alunos. O trecho a seguir, do trabalho da aluna, relata como se constituiu a iniciativa:

A horta era nos fundos da residência de um dos integrantes do grupo, e se expandiu para que toda comunidade tivesse acesso em um lote aberto. Qualquer pessoa que se prontificar em plantar e roçar o terreno está convidada a participar do movimento e colher os frutos deste trabalho que não só é favorável ao meio ambiente, livre de todo tipo de agrotóxico, mas que também interage com toda comunidade.

Com a ideia de um integrante e a ajuda de outro amigo engenheiro agrônomo, a ideia ganhou vida pois ganhou também conhecimento de como a tornar real. A horta comunitária é um meio pelo qual se busca a interação no trabalho voluntário para o bem da sociedade, e também enfatiza a importância de uma alimentação baseada em produtos orgânicos. (ALUNA B)

Como a estudante mencionou, além de representar uma iniciativa pelo bem social da comunidade, a horta comunitária provê os envolvidos de alimentos orgânicos, temática que já havia sido trabalhada com a turma, como vimos. Abaixo figura 5, uma foto dessa Nowtopia em Pato Branco, apenas para ilustração:

Figura 5 - Horta comunitária



Fonte: TOMASI, Cristiane Sabadin. Hortas comunitárias: gentileza com o próximo e com o meio ambiente. **Diário do Sudoeste**, Pato Branco, 23 jan. 2016. Disponível em: <https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/hortas-comunitarias-gentileza-com-o-proximo-e-com-o-meio-ambiente>. Acesso em: 24 set. 2018.

Ensino de História e Meio Ambiente como Nowtopia: considerações finais

Apesar de existir uma Política Nacional de Educação Ambiental desde 1999, que prevê, na Lei 9.795/1999 em seu Artigo 8º “a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino” (BRASIL, 1999), isso nem sempre é praticado. Em outro texto, já havia defendido a necessidade de “reforço da inclusão de conteúdos mais explicitamente ligados às questões ambientais nos cursos de graduação em história”, resolução capaz de contribuir tanto para a formação de futuros

professores como para o incremento das pesquisas históricas envolvendo essa temática (DIAS; PEREIRA, 2017).

A ruptura entre sociedade-natureza, como representação dominante, interfere também no ensino de história, fazendo com que os cursos de história e ciências humanas em geral não trabalhem (ou trabalhem de forma insuficiente) a temática ambiental. Como bem apontaram Carvalho e Sousa Costa (2016), é necessária toda uma reforma maior no sistema de ensino para reverter esse quadro.

Porém, enquanto isso não acontece, é importante não perder as oportunidades de colocar em prática algumas iniciativas na direção de “ir contra a corrente”. Foi nesse sentido que a experiência abordada neste artigo foi concebida. Com todas as nossas limitações, penso que a disciplina Tópicos Especiais I foi ela própria uma experiência Nowtópica – mesmo que pequenina –, no sentido de “roer as bases do sistema por dentro”. Assim como não devemos ser ingênuos e esperar que o capitalismo deixe de existir num dia e no outro surja uma nova sociedade – e por isso Carlsson (2014) defende que não fiquemos parados esperando, podemos ir “roendo as bordas”, mesmo com dificuldades imensas – não precisamos (nem devemos) esperar até que uma mudança maravilhosa no ensino aconteça e temas e abordagens relevantes, mas ainda marginais, sejam inseridos na legislação.

O conceito de Nowtopia tornou possível uma abordagem de história ambiental que superasse a narrativa da devastação como única forma de interação humana com a natureza. Outras relações, menos disjuntivas, acontecem, como as experiências estudadas por Carlsson (2014) nos mostraram. Se a crise ambiental está profundamente ligada ao sistema econômico e a uma ética antropocêntrica, atitudes que rompem com essa lógica podem e devem ganhar espaço nas aulas de história.

Trabalhamos na disciplina os conceitos e temáticas consideradas relevantes na história ambiental, mas especialmente, que fossem significativos para a realidade dos alunos e alunas que a frequentaram, da região oeste do Paraná. Discutimos os desafios ambientais pertinentes para as atividades econômicas do local, com destaque para a produção agropecuária e o desmatamento das araucárias. Abordamos também os esforços de superação desses desafios.

Com certeza, numericamente, foram poucos discentes atingidos pela abordagem, levando em conta todos os profissionais formados pela UNICENTRO. No entanto, espero, talvez levem um pouco dessa experiência Nowtópica em suas vidas e em sua atuação docente futura, e que

essa possa ser um pequeno mas importante passo “na construção do novo mundo na casca do velho”. Afinal, como já nos ensinou o mestre Paulo Freire (2000, p. 57), sem sonho e sem utopia, “só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida”.

Referências

- ALMEIDA, Rodolfo. O que resta da Mata Atlântica no Brasil. Gráfico. **Nexo Jornal**, 14 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/06/14/O-que-resta-da-mata-atl%C3%A2ntica-no-Brasil>. Acesso em: 4 set. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Política Nacional de Educação Ambiental. **Lei Federal nº. 9.795**. Brasília, 27 de abril de 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 2 set. 2018.
- CARLSSON, Chris. **Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.
- CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- CARVALHO, Alessandra Izabel de. Pinheiro-do-Paraná: símbolo de identificação cultural ou emblema de uma história de desflorestamento? In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-BR, 27., 2013, Natal, RN. **Anais[...]**. Natal: ANPUH-BR, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364563591_ARQUIVO_Alessandra.anpuh2013.pdf. Acesso em: 24 fev. 2019.
- CARVALHO, Ely Berço; SOUSA COSTA, Jamerson. Ensino de história e meio ambiente: uma difícil aproximação. **História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 49-73, jul./dez. 2016.
- CONRAD, Sebastian. **Historia global: una nueva visión para el mundo actual**. Barcelona: Editorial Crítica, 2017.
- A CORPORAÇÃO. Direção de Mark Achbar e Jennifer Abbott. Roteiro de Harold Crooks, Joel Bakan e Mark Achbar. 2003. Duração 145 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZxOf_8FKMrY. Acesso em: 24 fev. 2019.
- CROSBY, Alfred. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DIAS, Antônio João Prestes; PEREIRA, Elenita Malta. A primeira aula de história ambiental na UFRGS. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p. 70-89, jan/dez 2017.

DRUMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? — ensaio temático. **Vária História**, Belo Horizonte, n. 26, p. 13-32, jan. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice. Aproximações entre história ambiental, ensino de história e educação ambiental. *In: BARROSO, V. L. M. et. al. Ensino de história: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST/ANPUH, 2010. p. 57-72.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LENOBLE, R. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 2002.

LITZ, V. G. **O uso da imagem no ensino de história**. Curitiba: Instituição de Ensino Superior, Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

MARTINEZ, Paulo. Brasil: desafios para uma história ambiental **Revista Nômadás**, Colômbia, n. 22, p. 26-35, abr. 2005.

MARTINEZ, Paulo. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINEZ, Paulo. História ambiental: um olhar prospectivo. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 23-35, jan./jun. 2011.

MIL quatrocentos e noventa e dois: a conquista do paraíso. Direção de Ridley Scott. Roteiro de Roselyne Bosch. Versão editada do filme (46 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJKaJE6ui3w>. Acesso em: 24 fev. 2019.

NAPOLITANO, Marco. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

O MUNDO segundo a Monsanto. Direção e roteiro de Marie-Monique Robin. 2008. (108 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sWxTrKICMnk>. Acesso em: 24 fev. 2019.

O VENENO está na mesa. Direção e roteiro de Sílvio Tandler. 2011. (50 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8RVAgD44AGg>. Acesso em: 24 fev. 2019.

PICADO, Wilson. Breve historia semántica de la Revolución Verde. *In: LANERO, Daniel; FREIRE, Dulce (coord.). Agriculturas y innovación tecnológica em la península ibérica (1946-1975)*. Madrid: Governo de Espanha - Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino, 2011. p. 25-50.

SCHAMA, S. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUTHERN Brazil Lumber and Colonization Company. Produção de Alberto Botelho. Três Barras –SC, 1922. Filmagem (39 min.). Disponibilizada no Youtube em quatro partes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=78H4czJ-anI&list=PLUknw9y8kMNLhWl_bLa2oIPWgs8VbDrFE&index=39. Acesso em: 4 set. 2018.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, Vv. 5, n. 2, ago/dez. 2002 - v. 6, n. 1, p. 23-44, jan./jul. 2003.

WORSTER, Donald. **Nature's economy: a history of ecological ideas**. 2. ed. Cambridge-UK: Cambridge University Press, 2011.